

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO.

Editor—A. Azevedo.

ANN II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se a 20000 por trimestre, na typographia da *Paiz*, Largo de F. de A. n. 17.

NUMERO 15.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 27 DE ABRIL DE 1873.

D. Antonio de Macedo Costa, o illustrado bispo da diocese do Pará, talento reconhecido e louvado em todo o imperio, acalã de desmerecer completamente aos olhos da sociedade com a publicação das suas *Instruções pastorales*, com cuja transcripção se tem occupado o *Paiz*.

Embora francos, na qualidade de sacerdotes da imprensa, lamentamos de coração os desmandos de um brasileiro, de cujo talento e illustração era de esperar, quando quizesse repellir as injurias que uma parte reuzida da imprensa de Santa Cruz tem lançado á religião, palavras brandas, conselhos de verdadeiro pastor.

Para estigmatizar a Maçonaria, lembrou-se S. Exc. de transcrever, para glossar, artigos com os quaes a Maçonaria não se envolveu jamais. Acramente abanhou nella o que todos os dias se vê na Religião, que ministra, e não se lembra

que com todo o vigor de seu esplendido talento, com todo o auxilio que lhe possa prestar a heitice—é uma fraca e resistivel fronteira anteposta á essa sociedade de milhares de irmãos, onde se encara a religião pelo seu verdadeiro prisma.

Como condemnar o syrabelismo da maçonaria quando, para desempenhar-se nas suas funcções sacerdotaes, reveste-se S. Exc. de uma latina, empunha na caçola, cobre-se com uma mitra, dá a heijar o anel, lava ospês aos pulcres, pela quaresma, e desempenha sempre um papel importante nas exquisições da lylurgia?

O principal defeito de S. Exc. é, sem duvida querer pisar em um terreno alheio, pretender desescarilhar-se arosamente em um labirinto ignoto, onde o mettem a imprudencia e aspirar os dons de advinhar, pois S. Exc. não sabe, não ha de saber jamais o que é a Maçonaria.

Perdoe-nos S. Exc. a violencia do estylo e a agudeza das settas; afiamol-as assim, para que, lançadas da pobre clavescu, possam atingir ás alturas da sua dignidade de príncipe.

Dolada d'um natural feliz, ella acostimou-se a sua nova vida.

Tinha dez annos quando a morte de seu pai deixou-a completamente ao cargo de seu irmão Natal; vestiram-lhe com vestidos de luto; chorou muito sem comprehender toda a extensão da perda que soffria. Era tão criança, e n'essa idade o esquecimento era natural de logo vir-lhe ao coração.

Demais, poucos cousas llo pareciam mudadas em sua existencia!

Sempre, no fim de cada semana, o heitificado domingo de transporte chegava: para não ser privada de sua maior ventura, Germana trabalhava com todas as suas forças forras de criança, e Natal vinha logo á manha do domingo procurar á sua chiara orphã para levá-la a passeio por toda o dia.

Natal era d'um nobre coração: tinha accitado e cumprido a missão que Deos llo havia dado, e a preenchia com uma solicitude e carinhos inteiramente paternaes. A criança era mais que sua irmã—era sua filha. Essa figura do pai o envolveia á seus olhos, e posto que não tivesse mais de vinte e cinco annos, elle havia absolutamente renunciado os gosos da mocidade. Era bem pobre. Seu pai, empregado no ministerio dos trabalhos publicos, tinha-vivido e educado os seus filhos com seus modestos vencimentos, e não usando de economia,

Francisco Sotero dos Reis.

Logo no vestibulo do grande seculo, que atravessamos, se apresenta, claros alumnos, um acontecimento, que presagia grande resultado na ordem dos tempos: vê a luz da existencia, n'este recanto da terra da Santa Cruz, um ente predestinado á ser uma das glorias mais esplendidas do Maranhão: nasce Francisco Sotero dos Reis.

A' 22 de abril de 1800, o anjo tutelar das letras poéticas saudou nos horizontes do Brasil o surgir d'este luminoso astro, que rutilaria bello no cêo da litteratura nacional; astro, que diffundiria ingente na sciencia philologica: que encaminharia á seguro termo os romeiros da sciencia.

E na verdade, Francisco Sotero dos Reis, em todo seu viapar de apostolo das letras, de peregrino do futuro, qual é o sabio, foi luzeiro fulgente, que dirigiu a mocidade; prudente oraculo da opinião publica; sabio Nestor das legisladores da provincia; vigilante guarda das instituições do paiz; esclarecido jornalista, que com o

morreu sem mach deixar a Germana, não possuindo Natal mais do que seus pingues ardentos. Por muito tempo supranunciario, depois amauense, foi enfim accendo collector, com um pouco mais de dous mil francos: pelo menos estava aberta a porta. Trabalhando com zelo, com assiduidade, podia chegar a um futuro, simples embora, porem seguro.

Natal não esmoreceu, não afrouxou a preza, e resolveu-se a arranjar a vida segundo os meios do seu pequeno budget.

Mais tarde, elle não pensou em privar Germana da instrução que começava a adquirir. Ao contrario, quiz dar-lhe mestres de todas as sciencias. Chorou uma noite inteira, quando, depois de ler calculado cifra por cifra, ficou convencido que isso llo era impossivel, e que a sua chiara irmã não teria conhecimento de nenhuma d'essas artes, prendas que são o complemento essencial á educação d'uma mulher distincta.

Felizmente a menina mostrava taes disposições para o desenho, que, sua mestra verdadeiramente boa e intelligente, quiz ella propria, sem algum augmento de pensão, fazer com que tivesse um dote que llo llo poderia ser um futuro.

Natal, por isso, declarou á boa reitorn um reconhecimento profundo.

A' que privação o generoso nancebo não sub-

FOLHETIM DO DOMINGO.

O Irmão e a Irmã.

NOVELLA.

(E. Dinauc).

Traducção de A. Britto.

I.

Natal Deprez na idade de vinte e cinco annos era o unico protector de sua irmãzinha Germana. A criança ao vir ao mundo havia custado a vida a sua mãe: era um pequeno ser polido e delicado acostumado ao campo, sem os cuidados e vigilancia maternaes. Tinha apenas sete annos quando prepararam-lhe um pequeno leito no grande dormitorio d'um collegio, e não foi sem gritos, sem choros, sem resistencia, que a pobre criança trocou sua vida a grandes apparencias, e a liberdade que tinha sempre gosado entre os aldeões, com os prudentes clamores da classe onde ella se julgava em prisão.

Mas, logo, graças á feliz mobilidade d'esta idade, as lagrimas seccaram-se-lhe, os sorrisos voltaram á seus mimosos e rosados labios, depois o riso estri-dente, quando se achou, durante o recreio, no meio dos circulos deliciosos de suas companheiras.

prestígio e respeito do seu nome, escudou os actos e opiniões da auctoridade, firmou nesso systema político, serviu de medianeiro entre o poder e o povo.

Em nada pôs aos contemporaneos assellar com o silencio a opinião presente, que será a da posteridade, quando a voz da campã for a só escutada por entre os ecos da fama, soltos pelos innumerables pregoeiros mudos, seus monumentaes escriptos, do real merecimento de F. Sotero dos Reis.

Sahido apenas dos estudos, que iniciou, cursou e prefez na terra natal, donde jámais se arredou, F. Sotero dos Reis, que havia já bastante se acreditado no conceito de seus conterraneos, por seu merito nas letras, e nas lides da politica, foi sempre distinguido pelo voto popular, que o honrou, e á que nobilitou, elegendo-o para os mais elevados cargos á que se pôe attingir na provincia.

A principio membro do *conselho provincial*, ao depois deputado á *assembly legislativa*, nesses logares de confiança do povo, como em todos que occupou, se houve o illustre maranhense com a sisez, criterio, sciencia, e integridade, que n'elles se identificaram, adquirindo d'esse arte, nos corpos collectivos, tal ascendencia sobre seus iguaes, que em todos os assumptos se esperava com ancia seu parecer para deliberação em ultimo logar.

Entre os electores poderia haver mudança ou accordo acerca de outros eligendos, mas sobre F. Sotero dos Reis não havia questão, chapa, ou combinação

geitou-se para chegar ao fim do anno com os seus fracos recursos! Um acanhado aposento de rapaz, assis completo entretanto para ter um pequeno quarto, uma cama-camapé, e mobiliado, reservado á Germana para o tempo das ferias; com modesta comida; um vestuario decente, mas sem riqueza; nenhum conhecimento que o posses arastar a despendor por amor-proprio, mais do que elle não quizesse: — tal foi o plano que adoptou Natal.

Seus nobres exerceos foram coroados por bons exitos: nenhuma divida, economias! sim, economias! que o faziam sorrir de piedade, mas portanto, lhe pareciam de verdadeiros thesouros!

No seu escriptorio estava um d'estes pequenos mealheiros de terra cusida, que é preciso quebrar para d'elles tirar-se o conteúdo. Ah! ajuntava muitos soldos, e por acaso, algumas pegasinhas.

Era o thesouro destinado á Germana.

A criança não era privada do seu doce do domingo, do sua boneca no dia de seus annos, de seu livro novo no começo do anno: tinha para passar a semana quasi tantos soldos como dá-se ao conductor para uma jornada em omnibus, e sobretudo, sobretudo... o seu irmão a tinha consigo no tempo das ferias. Não ficava como uma menina abandonada, inteiramente só no dormitório, inteiramente só nas aulas vastas, inteiramente só no pateo silencioso! Não!

politica: era o deputado legitimo, e natural, para todos os partidos, crêdos, fuzões, ou grupos.

Ora, quando se conquista entre seus conterraneos igual ascendente e posição, é por certo em consequencia do justo nome que se tem grangeado: as honras são tão mais valiosas quanto espontaneas.

E apezar disso, F. Sotero dos Reis era austero em sua moral, rigido em seus principios, severo em suas opiniões, inabalavel em suas convicções; porque, moral, principios, opiniões, e convicções, as possuia profundas, e não seriam tenues aragens do bafejo popular, que as fariam desnoortear.

Entretanto, perguntarão estranhos, por que, oh! maranhenses, vós, que sempre distinguistes F. Sotero dos Reis, o não elevastes á dignidade de senador do Imperio?

Toda a provincia tambem se amargara por isso: toda a provincia tambem pergunta: por que o não fizemos senador?

Porém, é o caso de applicar-se a resposta do celebre romano que dizia aos que incriminavam Roma por não ter collocado a estatua de Catão no logar reservado aos grandes homens da patria: «A melhor estatua que se poderia erigir á Catão, é o perguntarem por ella os nacionaes e estrangeiros apenas entrados no Pautson!»

F. Sotero dos Reis distinguio-se muito na politica local, onde exerceu maxima influencia: porém, onde firmou verdadeira reputação de homem de genio, illustração, e tino, foi no jornalismo,

Quando elle era compensado de seus trabalhos quando a criança feliz e risoaba, enfiava os bracinhos em seu pescoço, dizendo-lhe: Como és bom, Natal! Ou corria para elle triumphante quando sabia uma novella; quando tinha feito um bonito quaderno de escripta; ou quando chegava com seus passinhos, escondendo atraz das costas uma surpresa, uma das suas habilidades, isto é, um bello desenho, um nariz ou uma orelha trabalhada com mais boa vontade do que arte.

Elle sorria para a ingenua criança, e experimentava realmente prazeres palermaes.

Ha na consciencia de haver satisfeito—alguma cousa que faz respirar livre e alegremente, o ar parece puro e leve; ri-se consigo mesma, não se sente andar—parece deslizar-se, voluntariamente procurar-se-hia azas nos hombros, parece que pouco tem-se da terra, e que vai-se direito ao céu!

Eis o que sentio Natal.

Gras a sua actividade, assiduidade e boa conducta, o maneeho, embora sem protector, não tardou a ser notado pelos seus chefes. Desgraçadamente, em toda parte, nos ministerios principalmente, ha uma especie de jerarchia que se segue, e difficil e vagarosamente chega-se ás posições elevadas: Natal não podia sonhar senão com um futuro muito remoto. Resolveu a fazer copias, e para isso o pronunciarão por todos os lados. E' um mister

Causa pasmo só o enumerar a quantidade de periodicos que assiduamente redigiu com assombrosa facundia, mestria: e fecundidade. Era o Briareu da imprensa.

De 1825 a 1863 redigiu prodigioso numero de jornaes politicos, litterarios, e scientificos, que acaretarão á si a indisputavel gloria de ser considerado o decano do jornalismo maranhense.

Entre os periodicos de môr formato, circulaçào, importancia, e duração por elle redigidos, contam-se, o *Maranhense*, *Constitucional*, *Investigador*, *Fevista* e *Publicador Maranhense*.

Na redacção desses e varios outros periodicos, solidificou o conceito de philologo profundo, grammatico abalizado, exímio conhecedor da lingua, familiar dos classicos, reputação que jornaleiramente avultava no magisterio.

E' este, claros alumnos, o vasto theatro onde manifestou-se de maneira assaz magestosa o opulento genio de F. Sotero dos Reis.

Joven ainda, começou no professorado á dividir com a mocidade os inapreciaveis thesouros do saber, e formou profusa, abundante, e enriquecida progenie de alumnos, que todos hoje figuram na republica das letras.

O modo pelo qual exercia o magisterio, o saber profundo, a lucidez do methodo, a paciencia illimitada, a bondade paternal a mansuetude candida, a benevolencia sabida, a indulgencia respeitosa, a simplicidade angelica, de F. Sotero dos Reis não

desgradavel, afanoso, e enfadonho, quasi brutal; mas no fim de cada pagina, elle via o gracioso rosto de Germana, seu sorriso gentil, seus ternos olhos, e voltava a folha sem magar-se, exoerando sempre o lindo espectro. Sua penna corria ligeira, cantando no papel um strivilho que realmente elle parecia entender.

«Coragem! Natal, coragem! cem francos de mais por mez, não é para despresar!»

—Sim, respondia elle á flechialta de ferro, corre, vá; continúa no teu modesto trabalho: que em outra mão talvez escrevessees um primor d'arte! Não despreses a tarefa que me ajudas a terminar; obedece ao meu coração, e, posto que elle não te dicte nem ternas poesias, nem deleitosas canções, avante sempre!

Mais tarde, quando eu tiver tempo, te dedicarei uma ode ou um soneto...

Realmente, ella parecia correr mais ligeira e repetir com mais firmeza:

«Coragem, Natal! coragem!»

carecem de patendear-se em phrases decoradas quando a geração hodierna, leccionada por elle, se levanta entusiastica para tributar-lhe unanimes applausos—digo mal—para erigi-lo em apothese!

O professorado de F. Sotero dos Reis não foi esteril.

Adquiriu, casinando, um cabedal scientifico tam valioso e succulento, que fora impossivel guardal-o, reserval-o para si, e confiar ao tunulo, com o despojo mortal, os activos instrumentos com que nobilitou o espirito, que por seu turno devia opulentar o de outrem.

Todos sabiam, conheciam, e estavam convictos que era um litterato conspicio em todos os ramos; todos o reputavam na melhor nota; todos o tinham na melhor conta; mas, a modestia com que se acobertava, e em que se acastelava, não permitia, sequer, que se lhe visse um só dos variados e primorosos trabalhos, que a desconfiança e sagacidade de verdadeiros amigos esmerilhavam por descobrir.

A' medo, indifferentemente, em lições particulares, dictava estimaveis *postillas* de grammatica, as quaes acoimava de erros, incorrecções, etc., quando é creado nesta cidade um collegio importante, o *Instituto de Humanidades*, dirigido por seu proprietario o illustre Sr. Dr. Pedro Nunes Leal.

Ocupando simultanea, ou revezadamente, n'aquelle optimo estabelecimento as cadeiras de Grammatica Philosophica, Litteratura e Latindade, F. Sotero dos Reis, a instancias do prestante Sr. Dr. Leal, e á sollicitações *importantes* de amigos admiradores, que souberam vencer as argucias da modestia do sabio velho, consentiu que se dessem a estampa as seguintes obras: *Postillas grammaticas*, em 1 volume; *Grammatica Portugueza*, 1 vol.; a traducção dos *Commentarios de Caio Julio Cesar*, e o *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira*, do qual se acham publicados quatro volumes.

Portanto, charos alumnos, Francisco Sotero dos Reis é um maranhense illustre por muitos e sobejos titulos; politico, jornalista, professor, litterato, e todos esses bellos predicados exaltados no maior grau de nobreza d'alma, de integridade, de proficiencia, e de consummado saber.

E' um typo, que deveis ter sempre em vista, archivado na memoria e no coração: é um perfeito modelo de trabalho; porque, sem haver sahido do berço natal, instruiu-se, illustrou-se, immortalisou-se.

Mui incompetente para dar qualquer parecer sobre suas obras, nas quaes tereis

de formar vosso gosto litterario, fazer vossa instrucção, completar vossos estudos, tereis um dia de applaudir com os sabios o merecimento d'ellas, e collocar sobre o tunulo do nosso mestre um ramallete de perpetuas, que será ao mesmo tempo o testemunho da saudade e do reconhecimento.

Raim. da Paes Pereira de Lemos
R. LEMOS.

Pedro e Camilla.

(Trad. de Alford de Marcus).

(Continuado do n. 14.)

V

A' pouca distancia de Chardonnex, havia um vão a passar. Um mez antes chovera tanto que a agua, ultrapassando as margens, cobrio os prados visinhos. O barqueiro recusou tomar a carruagem em seu barco e disse que era preciso apear-se para que elle atravessasse o vão com as pessoas e o cavallo. M^{me} d'Arcis, com pressa de saber noticias de seu marido, não quiz descer. E ella mandou ao cocheiro que entrasse no barco; era um trajecto de alguns minutos que havia feito com vezes.

No meio do vão, o hotel começou a desviar-se, empurrado pela corrente. O barqueiro pediu ao cocheiro que o ajudasse para impedir que fossem bater á repressão. E havia com effeito, a trezentos passos abaixo, um monho em uma repressão, construida de barrotes, estacas e pranchas unidas, porém velha, quebrada pela agua, e tornada uma especie de cascata, ou antes de precipicio. Era claro que, si se deixassem arrastar até lá, devião contar com um terrivel accidente.

O cocheiro desceu de seu logar na intenção de prestar serviços, porém só havia no baixo uma vara.

De seu lado, o barqueiro fazia o que podia, porém a noite estava escura; uma chuvinha fina cegava estes dous homens que ora se substituião, ora reunião suas forças para cortar a agoa e ganhar a praia.

A' medida que se aproximava o barulho da repressão, mais medonho se tornava o perigo. A embarcação, pesadamente carregada e defendida contra a corrente por dous homens potentes, não ia depressa. Quando a vara era bem enterrada e segura, o barco parava, avançada de lado, ou volteava sobre si mesmo; a onda porém era muito forte. M^{me} d'Arcis, que tinha ficado na carruagem com a filha, abriu a vidraça, cheia de terror:

Estaremos perdidos? exclamou.

N'este momento quebrou-se a vara. Os dous homens cahirão no fundo do barco, extenuados e com as mãos entorpecidas.

O bateleiro sabia nadar, porém não o cocheiro. Não havia pois tempo a perder.

—Pae Georgeot, disse M^{me} d'Arcis ao barqueiro, poderá você salvar-me e á minha filha?

—Certamente, respondeu elle, levantando os hombros com ar de quem se offendia da pergunta.

—O que é necessario fazer? disse M^{me} d'Arcis.

—Tregar-me as costas, disse o barqueiro. Conservé seu vestido para sustental-a. Passo-me os braços em volta do pesçoço, não tenha medo nem se faça pesada, por que então nos afogamos; não grite para não beber agua. Quanto á pequena, com uma mão seguro-a pela cintura e com a outra nado á marinhaira, sustendo-a no ar sem molhal-a. Não vão vinte e cinco braças d'aqui ás batatas d'aquelle campo.

—E João? disse M^{me} d'Arcis, mostrando o cocheiro.

—João beberá um pouco, porém isso não é nada. Que se deixe ir até a repressão; eu irei buscal-o.

O pae Georgeot lançou-se á agua com seu duplo fardo, porém elle estava já muito quebrado de forças; não era tão moço como o exigia a empreza. A terra estava mais longe do que elle dizia e a corrente mais forte do que elle pensava. Entretanto fez quanto pôde para ganhar a margem, porém breve sentiu-se arrastado.

O tronco de um salgueiro, encoberto pela agua e pelas trevas, deteve-o de repente, ferindo-o violentamente na testa. O sangue jorrava e elle sentia escurecer-se-lhe a vista.

—Pegne em sua filha e ponha-a sobre o meu pesçoço ou sobre o seu, disse elle; não posso mais.

—Você pôde salvar-a si carregar só ella? perguntou a mãe.

—Não sei, porém creio que sim, respondeu o barqueiro.

Por unica resposta M^{me} d'Arcis abriu os braços, largou o pesçoço do barqueiro e deixou-se ir ao fundo.

Quando este depoz em terra a pequena Camilla sã e salva, o cocheiro, que fôra salvo por um rustico, ajudou-o a procurar o cadaver de M^{me} d'Arcis. Só o acharão no dia seguinte pela manhã, perto da praia.

(Continúa.)

A. Gabriel.

Exaltação.

Passa ás vezes no céu claro e azulado,
quando reina o abafado quietismo
das noites tropicanas,
um rasto loiro á travessar o espaço,
descrevendo ligeiro uma parábola
esplendente e fugaz.

Como essa exaltação tu foste, oh filha!
Doiraste a minha vida fastidiosa
com um raio de prazer,
Doida, veloz, fugosa e petulante,
turbas no labio o mel, e em cada pomo
um mar á referver.

Mor de desejos, tumido, espumante,
a tralazar na rubente aureola,
que a do marfim melhor,
d'esses globos elasticos e rijos;
aureola que dilata-se e refrange-se
em fitas de rubór.

E essas formas que, ligeiras, tremulas,
conturbam-se no fogoz do meus labios
com um leve estremecção,
não sei d'outras que sejam mais formozas,
nem que estilem de si tanta volúpia,
nem tanta exaltação.

Eu não conheço a *Vozes* mutilada,
nem a estatua ebréctica e esplendorosa
do amante de Phyaé,
porém não creio que o sea todo harmonico
venc., ainda que veja á tua semente
das linhas do teu pé.

Foi leve a tua passagem, mas que importa?
si, n'esse instante resumio-se a vida
de um século para mim!
si eu te beijei essas carnes palpitaes,
que possuem os reflexos polidos
de acairallo sem?!

A vida é o gozo; a carne nos empolga,
impõe-se, luta, aluta e subjuga,
fatal como uma lei;
embora vibre o insulto contra ella
do mysticismo gultico e anachronico
es a impotente grei.

Que importa que te apontem no caminho,
com um riso despeitado e contahido,
com um olhar de desdem?
Passa por elles, filha, a fronte erecta,
salva-lhes na face o teu sarcasmo;
passa e ignora além.

Tu não caliste, não; cedeste á força
que te excitou no lubrico organismo
a sede de gozar.
Amaste, eu sei, e inleira tu entregaste
ao teu amante a candida grinalda,
para elle a desfoltar.

Que vale, depois d'isto, o arrependor-se,
e irreputar belleza e mocidade
nas areadas cláustreas?
Crê-me, a mulher que um dia molha os labios
do gozo no liebr inebriante
não o abandona mais.

Arrependor-se! O erro era o supplicio
de justigar o corpo transparente,
a estorcer-se de dor,
com o acoute cortante e enfurecido
dos desejos latentes e indomáveis
do teu immenso amor.

O entregues-te não, não foi peccado;
mas, si contudo o mundo escarnece-te,
já vós para aqui;
eu, que te acho sublime e te idolatro,
tenho no peito um throno scintillante
guardado para ti.

Julho 1872. Recife.

C. M.

Najanelia.

(A—X.)

Vá, anjinho, que tu brilhante
neste inverno tão feio e tristonho...
Hoje o céu fulgurante e risoso
olha a terra com riso infantil.
Vê: a lua, soando no espaço,
faz brilhar a lôr uma singella
e seus raios á branco janella
manoejar sem teu collo gentil.

Nós não vemos daqui senão cascos,
esta rua e tristonha e empolada;
mas a vista fingemos erguida
para valles, campinas e colles...
Vês? — ali — um ribeiro delicia,
de correnteza escura e marulho,
e da ponte no tualo o arullho
vem — sentido — des nautas nos montes!

Tu não vês sobre as agoras do rio
deslizar-se ligeiro um hotel?
e brincar em argenteo pared
as espumas limgdas ao ar?
Só parece que estou na campina,
respirando o perfume das flores,
e falando-te em nossos amores
que tranquillos havemos gozar.

Mas dize: — Eu vejo telhadros
que o tempo já tem desengrido;
este lieiro tão feio e comprido
mais tristonho é a luz do luar.
Eu não vejo nem valles, nem fontes,
em não ouço do rio o marulho,
nem da ponte no tualo o arullho
me é possível aqui escutar!

Em seguida: — Eu não vejo nas agoras
deslizar-se o ligeiro hotel,
onde pois esse lindo pared
que a poesia te fez escutar?
— Tu não vês?... Pois então minha bella,
esqueceras campinas e flores,
e, falamos de nossos amores,
contemplando este lindo luar.
1872.

D. S.

CHRONICA.

Das nossas procissões a que de mais
popularidade goza, é, sem duvida, a de S.
Benedicto, que teve lugar no domingo
passado, sahindo da igreja de Santo An-
tonio e percorrendo grande parte da ci-
dade, acompanhada de cerca de quatro
mil pessoas, cuja somma calculo arrisca-
damente, pois confesso a minha negação
pela sciencia dos numeros.

A procissão de S. Benedicto é a festa
dos anjinhos por excellencia. Entre a clas-
se do povo menos favorecida de dons
moraes, intellectuaes, e materiaes — não ha
mão que não mande á procissão o filhin-
ho ou filhinha, metido ou metida em uma
veste de setim, enlathado ou enlathada
dos pés á cabeça, e levando no rosto grande
somma de pós de arroz com o competente
carmim. Apreciem isto os leitores alheios
aeste costume, que, apesar de figurar no
catalogo dos que devem ser um dia aboli-
dos para sempre, não incommoda nem pre-
tende incommodar álguem.

O 5º batalhão fez parte da irmandade:
apresentou-se do *copas pardas*.

— Ora até que afinal, depois de tantos
dares e tomaraes, depois de ter provocado
tantos artigos editoriaes, depois de ter
sido discutida por engenheiros, está col-
locada a estatua de Gonçalves Dias!

Consta-me que será inaugurada no mez
futuro.

— São geralmente recebidas com muita
satisfação duas noticias que correm, e que
verificas são: — haver o Sr. Vicente Pon-
tes de Oliveira — requerido e obtido o
theatro S. Luiz para dar algumas represen-
tações e o Sr. presidente da provincia —
disposto de uma quantia para o
concerto do dito theatro. Nada ha mais
justo. Andamos como o jaboty em tempo
de seca, obrigados a ficarmos metidos
em nossas tocas, porque não temos o que
fazer lá fóre; condemnados á uma mys-
antropia estúpida, que se não pode adap-
tar ao genio de muitos, nem se reconciliar
com o indole de todos.

— A *berí-berí* tem feito cobras e lagar-
tos, que é um Deus nos aculha; estabele-
ceu entre nós a sua despótica sede, e no
seu reinado arbitrario e absoluto, tem
prascripto o degradado a tudo e a direito.
Nas corporações exerce mais que em ou-
tra qualquer parte o seu predominio.

Os seminarios, collegios, quartéis, e
o estabelecimento dos educandos têm pago
um triste e enorme tributo a tão fatal mo-
lestia.

— Em outra sessão deste jornal está
publicada a biographia do Sotero dos Reis,
salada da pena do Revd. conego R. Me-
lmos, que transcrevemos da *Selecta No-
cial*, o novo livro do Revd. padre R.
Fonseca, de que já demos noticia.

A' fallar em Sotero dos Reis, lembro á
alguns cavalleiros que subscreveram á pe-
didu da *Commissão do Domingo* para a
creação de um monumento ao illustre phi-
lologo, e que ainda não pagaram as suas
assignaturas, o favor de fazel-o, pois pre-
cisa a mesma commissão publicar a rela-
ção, entregar o dinheiro, e acabar com isso.

Adeus, leitores: a chronica vai hoje
em linguagem um pouco seria, porque a
época é muito impropria para pilherias: a
berí-berí dá o braço ao sarampo, o saram-
po aos tuberculos, os tuberculos ás febres
perniciosas, as febres perniciosas ao in-
berite, etc. —; e a tudo dá o braço a mor-
te; o cemiterio abre-se, e — *Nhopp, passe
para cá.*

E por cima de tudo isto D. Antonio do
Macedo Costa excommunga, prohibe, fei-
xa, e descombece — os maçons, os casamen-
tos dolles, os cemiterios e as faculdades
de cada um!!!...

Mas o antidoto sublime ahí está; a sal-
sa e caroba é uma realidade e o illustre
autor de tão peregrino elixir *que não pri-
ga nem faz mal* dispõe-se a applical-o a to-
dos e a tudo.

Nada! Adeus, leitores, até a proxima
quinzena, si até lá a máldita *berí-berí* não
me tiver mandado para o Ceará ou para
o Ilapecurú-mirim. *Eloty, o herde.*

Maranhão. — Typ do Paiz. imp. M. F. V. Pires.